

# O Leão Sol

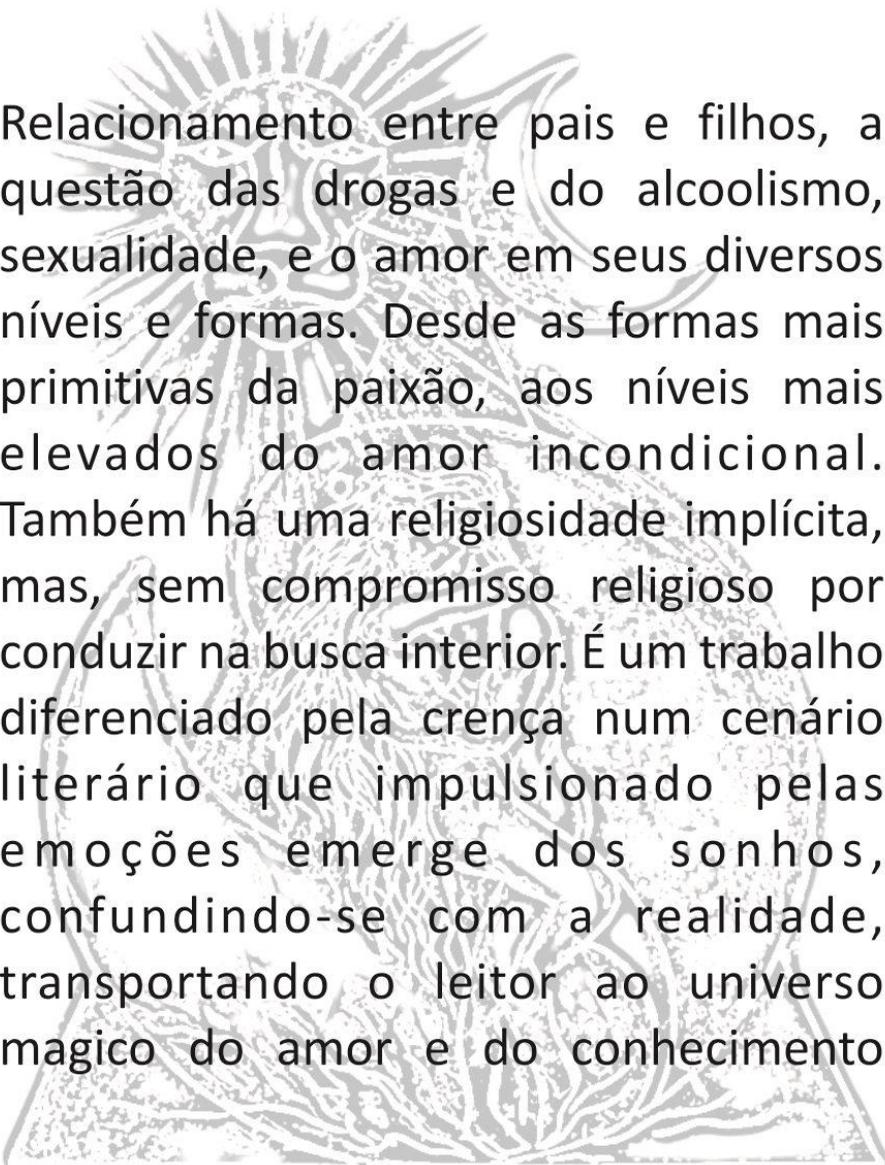
e a

Abelha Lua de Mel

Maurício Carvalho Marques



autor de  
“Barco de Ilusões”



Relacionamento entre pais e filhos, a questão das drogas e do alcoolismo, sexualidade, e o amor em seus diversos níveis e formas. Desde as formas mais primitivas da paixão, aos níveis mais elevados do amor incondicional. Também há uma religiosidade implícita, mas, sem compromisso religioso por conduzir na busca interior. É um trabalho diferenciado pela crença num cenário literário que impulsionado pelas emoções emerge dos sonhos, confundindo-se com a realidade, transportando o leitor ao universo mágico do amor e do conhecimento

*Maurício Carvalho Marques*

O Leão Sol  
e a  
Abelha Lua de Mel

# O Leão Sol e a Abelha Lua de Mel

*Maurício Carvalho Marques*

Capa e Ilustrações: Gloria Cássia da Silva.  
Apoio Editorial: Dudê Copiadora.

MFCM Publicações  
Rua Felício Montagna, 160  
Jardim Maria Rosa - Taboão da Serra – SP

## *DEDICATÓRIA*

Para Glória Cássia da Silva,  
(em memória)

Judá é Leãozinho; volta trazendo a caça, meu filho.  
Encurva-se como leão e como uma leoa; quem o  
despertará?

Gn: 49, 9.

## Introdução

Somos infinitamente grandiosos na nossa essência.

O sentido da razão e das emoções, a consciência existencial nos confere toda a criação.

Somos filhos de Deus, logo, deuses somos.

Porém, em nossa condição primitiva, obedecemos aos mesmos instintos egocêntricos comuns aos animais.

Numa completa inversão dos valores cósmicos, quando o “todo” está para o “uno”, como se todo o universo estivesse tão somente para satisfação de necessidades, ou para a mera contemplação.

Diferente das abelhas, estranhos insetos kamikazes, que não hesitam em sacrificar suas próprias vidas ao menor sinal de perigo para a colméia.

Criaturinhas cuja obediência à ordem coletiva permite viver numa comunidade utopicamente perfeita e, na flor, sem nada destruir, obter o material necessário para produzir e se alimentar do mais puro, nutritivo e saboroso dos alimentos naturais.

Não obstante, o caráter egocêntrico nos confere o sentido de unidade, afinal, somos parte, porém, parte única de um “todo” que contém e no qual também estamos contidos, numa relação intrínseca.

Portanto, o equilíbrio individual implica o equilíbrio global e ao trabalharmos para o nosso aprimoramento íntimo pessoal, transcendendo o nosso primitivismo, estaremos interagindo no progresso de todo o universo.

O Autor.

Era uma vez, numa floresta lá nas Áfricas, onde viviam três leões: Trugow, Sol e Corinus.

Trugow não era o mais destemido, mas, era o mais temido. Não era o mais valente nem o mais forte, muito menos o mais belo, mas era o mais respeitado por ser o mais sanguinário.

Ninguém sabia ao certo de onde vinha toda aquela força com a qual ele derrotava todo e qualquer macho que lhe opusesse no domínio das fêmeas e territórios.

Em sua última conquista, foi com muita facilidade que ele destroçou a jugular de um macho já um tanto velho, mas, que lutara bravamente até o final, defendendo Eva e seus dois filhotes, Sina e Dharma.

Eva quando seu macho foi abatido e seus filhotes devorados, se resignou. Afinal, deveriam ser fracotes como o pai, e com certeza Trugow lhe daria filhotes fortes e valentes.

Sol, o mais jovem dos três, não era temido, mas era o mais destemido. Era também o mais valente e o mais forte, e como Trugow, também era muito respeitado, por ser o mais belo.

Seu passatempo favorito era correr. No começo corria sempre atrás dos bandos de alces, corças e gazelas. Os animais não entendiam bem porque Sol corria em perseguição, pois sabiam que Sol não lhes apreciava a carne.

O tempo foi passando e Sol aumentando sua velocidade e já não corria atrás, e sim ao lado dos bandos, que continuavam sem entender. Mas como Sol, corriam, corriam e corriam.

Agora, que Sol estava no auge e plenitude de sua força física, corria sempre à frente dos bandos que continuavam sem entender porque corriam atrás de Sol.

E fôra na volta de uma de suas corridas que ele encontrara e conhecera Helenas, uma bela leoa de belos traseiros, e pêlos reluzentes.

Helenas estava acompanhada de seus dois filhotes e estavam muito tristes, porque o chefe do bando havia sido morto por um caçador, sem coração.

Sol apiedou-se e convidou-a para morar em sua toca. Helenas, diante do convite, imediatamente se colocou em posição de defesa, urrando:

– Nãããooo. tu vais devorar meus filhotes.

– E, por que eu faria isso? - perguntou.

– Porque é assim que os leões fazem.

Sol lembrou-se de Sina e Dharma e ficou muito triste. Colocou os filhotes de Helenas em suas costas e a família seguiu em direção à toca de Sol.

O terceiro macho – sim, porque só restavam três machos, todos os demais foram mortos ou por caçadores ou por Trugow, chamava-se Corinus:

Corinus não era o mais valente, nem o mais forte, também não era o mais belo, título este pertencente a Sol, nem era o mais sanguinário, título que já era detido por Trugow. Corinus se gabava de ser o mais corajoso.

E foi com esta coragem que ele armou uma tocaia na trilha por onde costumava passar Finadus, o antigo companheiro de Terra, sua atual leoa.

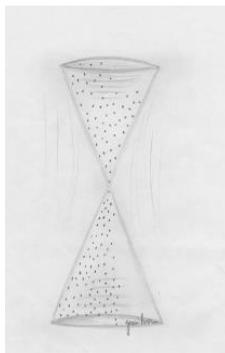
Quando a rocha que Corinus empurrou do alto do despenhadeiro esmagou Finadus, Corinus adquiriu o direito sobre Terra e seu filhote Sativus.



Corinus se gabava de ser o mais corajoso.

## II

# Sete anos depois...



Quando Helenas veio morar na toca de Sol, os dois pequenos filhotes ainda não tinham nome e Sol resolveu batizá-los com os nomes de dois filhotes que ele vira nascer: Sina e Dharma.

Sina desenvolveu com o pai o gosto pelas corridas e mergulhos nas cachoeiras. Sendo ainda um filhote, para poder correr ao lado dos bandos, precisava montar nas costas de Sol.

Sina gostava de ficar olhando para o céu e certo dia confidenciou ao pai:

– Papai, é tão bom correr ao lado dos animais da terra, mas eu gostaria também de poder voar como os pássaros.

– Ah Ah ... isso, só quando você criar asas! respondeu Sol, numa grande gargalhada.

Dharma, como a mãe, se dedicava à caça de um tipo de flor rara, que atraía uma espécie de abelhas especiais que produziam um mel excelente que era servido a Sol e Sina para repor-lhes a energia quando voltavam das corridas.

E foi durante uma dessas refeições, que Sina novamente confidenciou ao pai:

– Pai, não gosto muito desse nome. Sina parece nome de mulher.

– Então não te chamarás Sina. Como queres ser chamado?

– Ícaro.

– Ícaro!?! – exclamou Sol meio contrariado, mas, como Helenas a-do-rou, o *consenso foi geral*:

– Muito bem, serás chamado Ícaro.

Além de Sina, quero dizer, Ícaro e Dharma, Sol e Helenas, até então, não tiveram mais filhos, embora acasalassem todas as noites, e também todos os dias e também todas as tardes.

Sol não sentia desejo de dominar nenhum bando, estava feliz com sua família. Eva e Terra é que sempre rondavam sua toca. Sol se preocupava, fazendo para si mesmo a seguinte pergunta:

– O que elas estariam caçando por aqui?!?

Helenas é que não gostava da presença das duas vizinhas perto de seus filhotes e diversas vezes colocou-as para correr.

As coisas não andavam muito bem na toca de Trugow.

Ele pouco saía da toca. Tiveram 18 filhotes, mas, como Trugow tinha uma fome insaciável, nas 17 vezes que Eva demorou a chegar com a caça, ele já havia feito sua refeição. Restando apenas uma simpática femeazinha vesga, Salinas, que coitadinha estava muito fraquinha, por se recusar a comer aquela carne podre.

É que com a perda de seus filhotes, Eva foi ficando cada vez mais desinteressada pelas caçadas, e o máximo que conseguia trazer para a toca eram alguns restos de cadáveres abatidos há dias por Terra.

Salinas foi à primeira cria de Trugow e Eva. Certo dia Trugow, talvez com fome, se pegou a cheirá-la e depois a lamber, lamber e lamber Salinas, que começou a tremer e foi abrindo as perninhas de trás para o papai mostrar o quanto gostava dela. E gostava mesmo, tanto que nunca a matou em nenhuma das vezes em que ela morreu, só um pouquinho...

E agora que ela estava doente e como ele não conseguia convencer Eva, nem com urros, nem com mordidas, a trazer carne fresca, resolveu então, dominar o bando de Corinus.

Como Terra não lhe despertava interesse, embora fosse uma leoa bonita, estava um tanto acabada, pelas secas enfrentadas e pelo excessivo trabalho de salga de carnes, enquanto Corinus caçava porque era muito corajoso. Trugow, invés de seu modo habitual de dominação, preferiu, por bem, usar de um ardil para conseguir os seus intentos e, chegando em frente á toca de Corinus, o chamou:

– Eu vim aqui desafiá-lo para um duelo, mas, como soube que você é muito corajoso, estou pensando em desistir.

– É é é ... sou muito corajoso.

Respondeu Corinus.

– Você prefere me dar uma prova de sua coragem, ou me enfrentar num duelo?

– Se dar prova for mais difícil... Corinus prefere dar prova.

– Então, todos os dias você vai caçar e me trazer três alces, três zebras e três gazelas.

– *Bão*, provar coragem é mais difícil ...

concluiu Corinus, que agora caçava dia e noite para provar sua coragem.

Na toca de Corinus as coisas também não iam muito bem. Terra tinha que trabalhar muito na salgadeira. (isso porque Trugow exigia que a carne já viesse salgada para que Corinus provasse realmente sua coragem) e ainda ajudar o macho nas caçadas. Andava muito nervosa e irritada, e como as caçadas naqueles dias não andavam muito bem , e o saldo devedor de coragem para com Trugow estava muito alto, ele também andava muito nervoso e irritado. Para provar sua coragem, Corinus se tornou o rei das caçadas, e pescarias também.

Sativus, coitadinho, era quem pagava o pato. Muitas vezes Corinus erguia Sativus pelo pescoço e dizia:

– Não sei por que não te mato. – E toma-lhe dentadas e patadas com a força medida para somente machucar.

Terra, às vezes intervinha dizendo:

– Deixa o bichinho, daqui a pouco ele cresce e vai nos ajudar nas caçadas.

### III

## Adultos e Filhotes



Sativus era amiguinho de Salinas que não gostava de carne estragada. Ele mesmo, na verdade, não gostava muito nem de carne fresca, só comia o suficiente para viver, diferente de Trugow que vivia agora para comer.

– Comida boa mesmo é na toca de Ícaro.

Disse Sativus a Salinas.

– É gostosa também. Dharma até me convidou para ir à toca dela. – disse Salinas a Sativus.

– Poxa! Que bom! Se eu encontrar Ícaro, espero que ele me convide para ir à toca deles *outra vez de novo!* – disse Sativus para Salinas, se despedindo com algumas cheiradas e lambidas.

Sativus estava contente. Conhecera Salinas e gostara muito do cheiro dela. Tanto que quando chegou na toca, sentiu um forte desejo de cheirar sua mãe; coisa que até então, ele nunca fizera.

– Mãe, posso te dar um cheiro?

Em resposta, uma patada.

– Vagabundo, há sete dias você sai para ajudar seu chefe, meu marido, a caçar e ainda não trouxe nem um passarinho.

– É que ele não presta atenção na caça! Fica cheirando tudo quanto é mato, depois fica com cara de sono, e não vê nem os veados que passam distraídos perto dele. – acusou Corinus, acrescentando mais algumas patadas.

Ferido, Sativus foi se deitar e pensou como deveria ser boa a toca de Ícaro. E lembrou-se do dia em que conheceu o amigo.

Como ele não se lembrava do cheiro do pai, nem a mãe o deixava cheirá-la, ele sentia uma necessidade incontrolável de cheirar, para quem sabe, conhecer alguém que lhe ensinasse o cheiro do pai. Por isso já havia cheirado quase todas as leoas, porque de leão, ele não gostava do cheiro não, exceto do cheiro de alguns leões que tinham uma cara que pareciam gostar dele.

Esses leões com cara de bonzinhos, quando eram cheirados por Sativus, retribuía com lambidas no peito, na barriga e entre as patas de Sativus.

Com Ícaro foi diferente. Quando ele o encontrou pela primeira vez, perguntou:

– Posso te dar um cheiro?

– Claro! – respondeu Ícaro.

Depois de cheirado, Ícaro retribuiu-lhe o cheiro e o convidou para tomar um mingau de mel em sua toca.

– Seu pai não vai brigar? – perguntou Sativus.

– Lógico que não! Acho até que ele vai gostar, quase não recebemos visitas de vizinhos em nossa toca.

No caminho, em direção à toca de Ícaro, se cansaram e resolveram descansar um pouco numa pedra onde se sentaram.

– Por que você tem essa mania de sair cheirando todo mundo?

– É que eu não tenho pai e quero conhecer o cheiro de meu pai, respondeu Sativus.

Esta afirmação fez com que Ícaro ficasse pensativo.

É claro que ele amava e respeitava muito seu pai Sol, porém, tinha uma leve impressão de que ele também não conhecia o cheiro do pai.

Estes pensamentos fizeram com que Ícaro e Sativus mergulhassem profundamente na imensidão de suas almas. Quando abriram os olhos e olharam para o céu, avistaram uma nuvem com o formato de um leão que segurava um cajado em sua pata dianteira direita, e coroa na cabeça.

– Olha, parece meu pai Sol! Exclamou Ícaro.

– Parece não, disse Sativus. Seu pai não usa coroa, e este leão tem uma cara de corajoso, parece mais meu chefe Corinus.

– Mas, Corinus também não tem coroa. – disse Ícaro, com uma risada que se tornou uma gargalhada dos dois que se abraçaram e seguiram para a toca de Ícaro.

Não se sabe bem ao certo o motivo, mas, a partir deste dia, nunca mais Sativus quis saber de cheirar matos, leões e leões com cara de bonzinho.

Só Salinas ele cheirava, mordida, lambia e era cheirado, mordido e lambido por ela, que não entendia bem porque, com Sativus acontecia o mesmo que com Trugow, quando este começava a lhe morder e suas patas traseiras começavam a se abrir lentamente. A diferença é que com Sativus seu urro não era de dor, mas sim de alegria, uma coisa muito boa que ela sentia e não sabia explicar bem o que era só sabia que gostava muito de Sativus.

# IV

## O Grande Duelo

Como Sativus e Salinas não mais suportavam a comida servida em suas tocas e como Salinas aprendera com Dharma a preparar sopas e mingaus de mel e Sativus aprendera a pescar com Corinus, ambos resolveram mudar-se para uma toca própria.

Estavam na toca de Sol para comunicar esta decisão que alegrou a todos.

Helenas disse que iria preparar um mingau especial e todos estavam sentados à mesa aguardando, quando um urro estrondoso e ameaçador veio do quintal.

Trugow havia ficado furioso com a decisão de Salinas de se mudar e resolveu dominar definitivamente todas as fêmeas e territórios que ainda restavam.

– Saia da toca, Sol! – gritou Trugow.

– Essa toca, sua bela leoa e seus filhotes, agora, me pertencem.

Todos se entreolharam assustados e depois olharam na direção de Sol que continuava sereno e impassível.

Calmamente ele se levantou, tirou o guardanapo de seu pescoço e dirigiu-se para o quintal ao encontro de seu desafiante.

Diante de Sol, Trugow continuou a proferir uma quantidade de palavras que prefiro não reproduzir, por serem de baixo calão.

Sol continuou impassivo e sereno, mesmo depois que Trugow desferiu-lhe uma patada que cortou e fez sangrar seu rosto.

Helenas, Dharma, Ícaro, Salinas e Sativus foram para o quintal e fizeram um círculo ao redor dos dois leões.

Todos estavam ansiosos quanto ao desfecho daquela luta. Ícaro já decidira que, caso Sol fosse derrotado, ele enfrentaria Trugow. Sativus também estava decidido que, caso Sol e Ícaro perdessem, ele seria o terceiro a combater Trugow.

Quando de repente, do céu, uma enorme nuvem, com um enxame de milhares de abelhas, desceu num vôo rasante em direção a um único alvo, Trugow.

Trugow tentou enfrentar as abelhas, mas depois de algumas centenas de ferroadas, saiu correndo com o rabo entre as pernas em direção à sua toca, sempre acompanhado por um exército de abelhas que, virava e mexia, aferroava-lhe o traseiro.

# V

## Por quê ???

Durante a noite Sol não dormiu. O que ardia mais não era o ferimento de seu rosto, mas alguma coisa ardia por dentro.

– Por que ele não enfrentara Trugow? Ele conhecia sua força, valentia e destreza. Sabia que se o enfrentasse teria grandes chances de vitória.

Por quê? Por quê??? Foi com este pensamento que ele, finalmente, conseguiu pegar no sono.

Quando acordou, o sol começava a aparecer e ele se sentia estranho. Estava pequenino, diminuto mesmo. E o mais estranho, possuía um par de asas. Saiu para o quintal e estranhamente alçou vôo em direção ao nascente.

Trugow também não conseguira dormir. Além das ferroadas que lhe doíam, o que mais lhe incomodava era o fato de ter observado que todas as abelhas que lhe picavam, em seguida, caíam mortas.

– Que bichinhos estúpidos! Além de atrapalhar minha conquista, ainda me picam mesmo sabendo que com isso morrem.

Por quê? Por quê??? – Com este pensamento, Trugow adormeceu e pouco depois, quando acordou, ainda escuro, levou um enorme susto. Era um leão em miniatura e ainda por cima com asas. Que absurdo!

Avistou uma luz no horizonte e, misteriosamente, se sentiu atraído por ela e resolveu segui-la.

Como tinha asas, subiu numa rocha bem alta para decolar, mas já na primeira tentativa, ele se esborrachou no chão e seguiu caminhando, arrastando suas asas.

Nesta mesma noite, Corinus também não conseguiu dormir. Sua preocupação nada tinha a ver com o duelo de Trugow e Sol. Talvez, o seu incomodo viesse da mudança de Sativus que fora viver com Salinas. Por quem agora, ele sentiria vontade de morder e esbofetear? Com toda a sua coragem, por que ele não matara Sativus, logo no início?

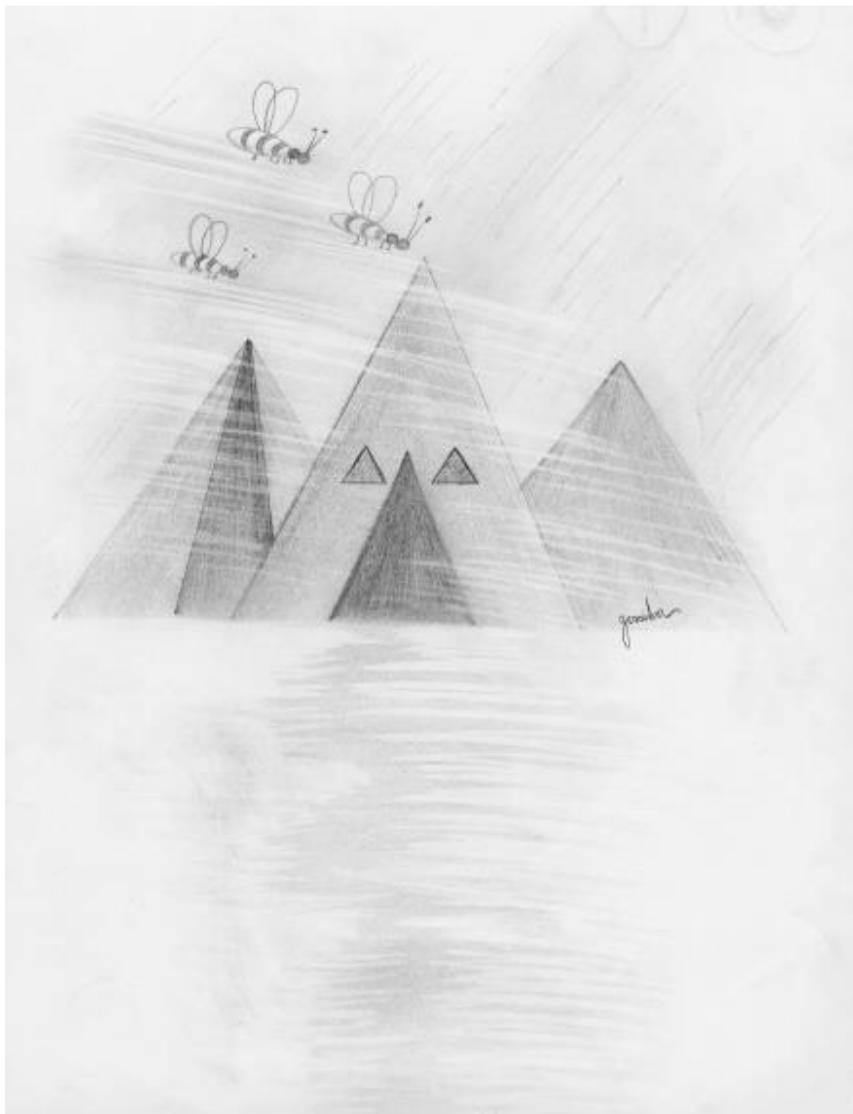
Por quê? Por quê??? Corinus adormeceu e logo depois, quando acordou, ainda estava escuro. Como Sol e Trugow, ele também estava diminuto e alado.

Foi para o quintal de sua toca e sentiu-se atraído por uma luz forte: a mesma que atraiu Trugow.

– Tenho asas, mas vou a pé mesmo. Sou corajoso. – e seguiu arrastando suas asas em direção a luz.

# VI

## No Reino das Abelhas



Os três chegaram juntos em frente a um enorme palácio com paredes totalmente revestidas de ouro. Um grande portão que dava acesso a um longo corredor foi aberto e os três seguiram até o final, onde uma porta que dava acesso a uma ampla sala foi aberta.

Na sala, sentado numa grande cadeira dourada, estava um velho leão. Embora o ancião não tivesse nenhuma coroa em sua cabeça, devia ser um importante ministro, pelas roupas finas que trajava, deduziu Corinus.

– Vós fostes trazidos aqui...

– Eu não. Eu vim sozinho, com minhas patas. -  
interrompeu Trugow.

– Calado! - Continuou o ministro.

– Um dos três é candidato a desposar a princesa  
Lua de Mel.

– Naturalmente sou eu, sou o mais forte. – falou  
Trugow.

– Só pode ser eu, sou o mais corajoso. – disse  
Corinus.

Sol apenas abaixou a cabeça. Ele já amava  
Helenas.

– Os três serão presos e aquele que conseguir se  
libertar fará a prova final, que é fazer as asas de Lua de  
Mel vibrarem e cintilarem.

No quarto real, Lua de Mel estava muito ansiosa. Sabia que o candidato a desposá-la já estava no palácio, mas o que mais a atormentava era uma questão que há dias vinha lhe tirando o sono.

Por que as abelhas têm de devorar o zangão após o processamento do mel?

Por quê? Por quê???

Ela sabia que só se casaria com o príncipe que lhe respondesse suas questões existenciais, assim como ela também deveria responder as dele, para que, com este conhecimento, pudessem processar um novo mel que a ordem determinara.

– Por quê, mamãe?

Ana, a velha e boa rainha tentou explicar:

– Havia uma antiga lei que dizia que todas as abelhas deveriam sacrificar suas vidas, se preciso fosse, para salvar a vida de outras abelhas, se preciso fosse. A outra lei era que todas as abelhas deveriam devorar seus zangões após mexerem o mel.

Como a compreensão destas leis era muito difícil, mesmo na linguagem dos pássaros e dos anjos, um sábio profeta vindo do oriente resumiu estas leis em apenas uma: “Compartilharás todo teu mel, da mesma forma, sabor, teor e quantidade”.

Esse profeta foi embora dizendo que voltaria, mas até hoje não voltou.

Trugow fôra preso com corrente de aço, pois, depois de analisarem, chegaram à conclusão que esse era o material necessário para prendê-lo. E se ele conseguisse se libertar seria merecedor de desposar Lua de Mel. Imobilizado, Trugow nem tentou se safar daquelas correntes; pediu para ser libertado e foi enviado prá masmorra.

Corinus fora amarrado com cordas. Como já estava quase enforcado tentando desvencilhar-se, soltaram-no e também foi mandado para o calabouço.

Quanto a Sol, por mais resistente que fossem os materiais analisados e estudados para prendê-lo, quando ele cochilava um pouquinho, quando acordava, se espreguiçava arrebetando todas as amarras.

**ESTAVA DECIDIDO: SOL ERA O CANDIDATO A DESPOSAR LUA DE MEL.**

Soaram as cornetas. Entrou no salão real a bela princesa Lua de Mel com um lindo vestido branco e margaridas no cabelo. Sol a aguardava para serem conduzidos a uma piscina em forma de meia lua, onde se realizaria a cerimônia.

Na presença da rainha-mãe Ana e do rei-pai, épa, Sol não conheceu seu pai, foi iniciado o ritual de TOBEORNOTOBE quando Sol e Lua, lado a lado, frente a frente, olhos nos olhos, mão no coração, aguardavam o sinal para se perguntarem.

Sol estava nervoso, mãos trêmulas. Agora que vira Lua de Mel, como gostaria de lhe explicar tudo o que nem ele conseguia entender. Lua, com os olhos vidrados em Sol, pensava:

*Quem me dera ao menos uma vez explicar só para o Sol o que ninguém consegue entender.*



As respostas para as questões de Sol dependiam de sua resposta pras questões de Lua. Sol aguardou o sinal, olhou nos olhos de Lua e disse alto e em bom tom:

– Para que o único sabor desta vida que fique eternizado, por ser o último, seja o gosto do teu mel.

Lua, ouvindo isso, começou a tremular e cintilar suas asas. E, num lindo balé, dançou em círculo pelo coração e depois pela cabeça de Sol, que se curvou pra trás até se deitar com a barriga para cima, inebriado de mel.

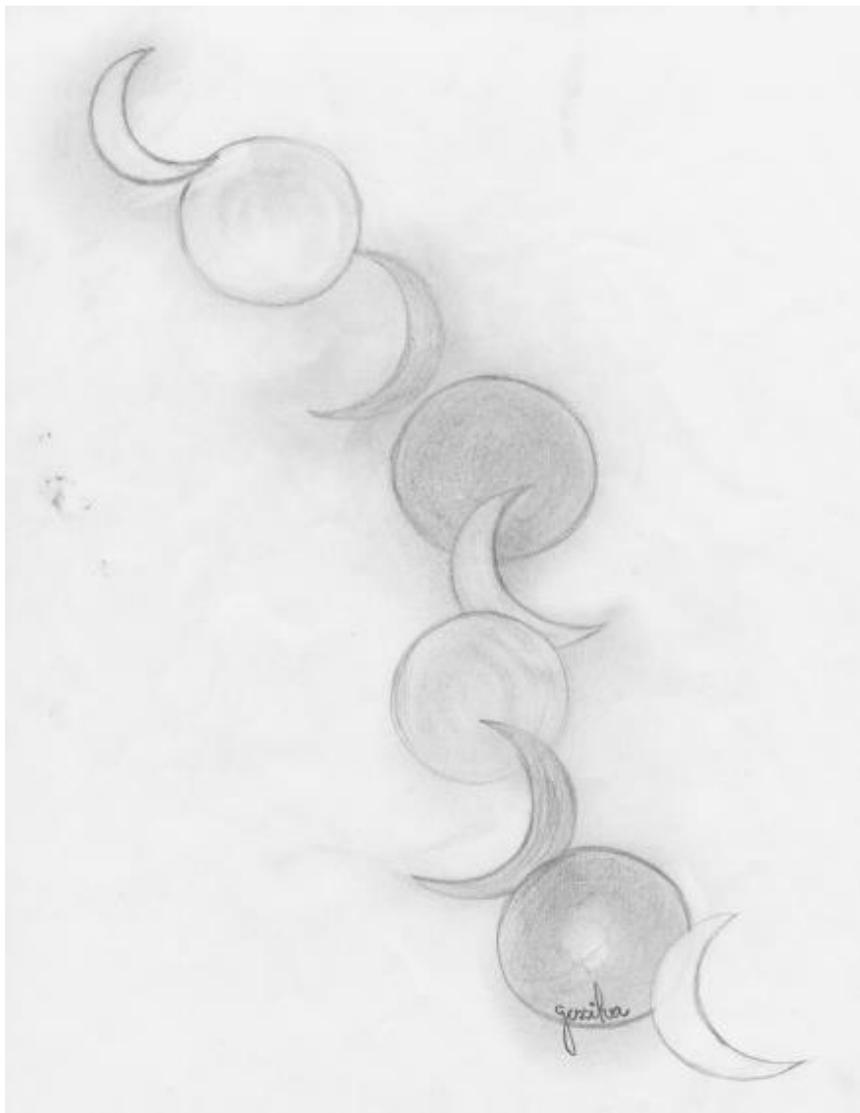
– Lua disse no ouvido de Sol: - Tu és parte de uma colméia. Se ela acabar, tu também perecerás. – A maior prova de coragem é amar. – Tua força e valentia são pequenas se comparadas à grandeza dos teus sentimentos, diante do amor que sentes até por teus inimigos.

Adormeceram e dormiram por três noites, e três dias.

Sol foi coroado com o nome de rei Leão Sol I, marido da rainha Lua de Mel.

# VII

## Nove Luas se passaram ...



O mel agora produzido na colméia era da melhor qualidade *excelencius*. Sol e Lua tiveram uma filha, Novidade, abelhinha precoce que já ajudava os pais a mexerem o mel, e aprendera, sem ao menos ter suas asinhas cintiladas por algum zangão. Com a ajuda de Novidade, sobrava mais tempo para Lua e Sol desfrutarem a vida de Rainha e Rei.

Como Sol estava de bom humor, resolveu libertar Trugow e Corinus. Trugow já havia pago o preço justo. Sua filha Salinas fora morta por um caçador desalmado.

Quanto a Corinus, havia uma condição:

Teria de cheirar e deixar-se ser cheirado por Sativus. Esta seria sua prova de coragem.

-Prova de coragem difícil, mas Corinus corajoso...

Porém, no final daquela tarde, o maior zum zum zum na colméia, uma nova ordem.

Como o mel produzido na colméia atingiu a qualidade máxima, se continuassem a produção, correria o risco de tornar-se água com açúcar. Portanto, Sol deveria renunciar o trono em favor de um nobre zangão que estava em comitiva de Arimatéia, por quem Lua já andava tremulando suas asinhas.

Um rugido ensurdecador veio do quarto real:

– NNNÃÃÃOO. – suplico-te que me devores.

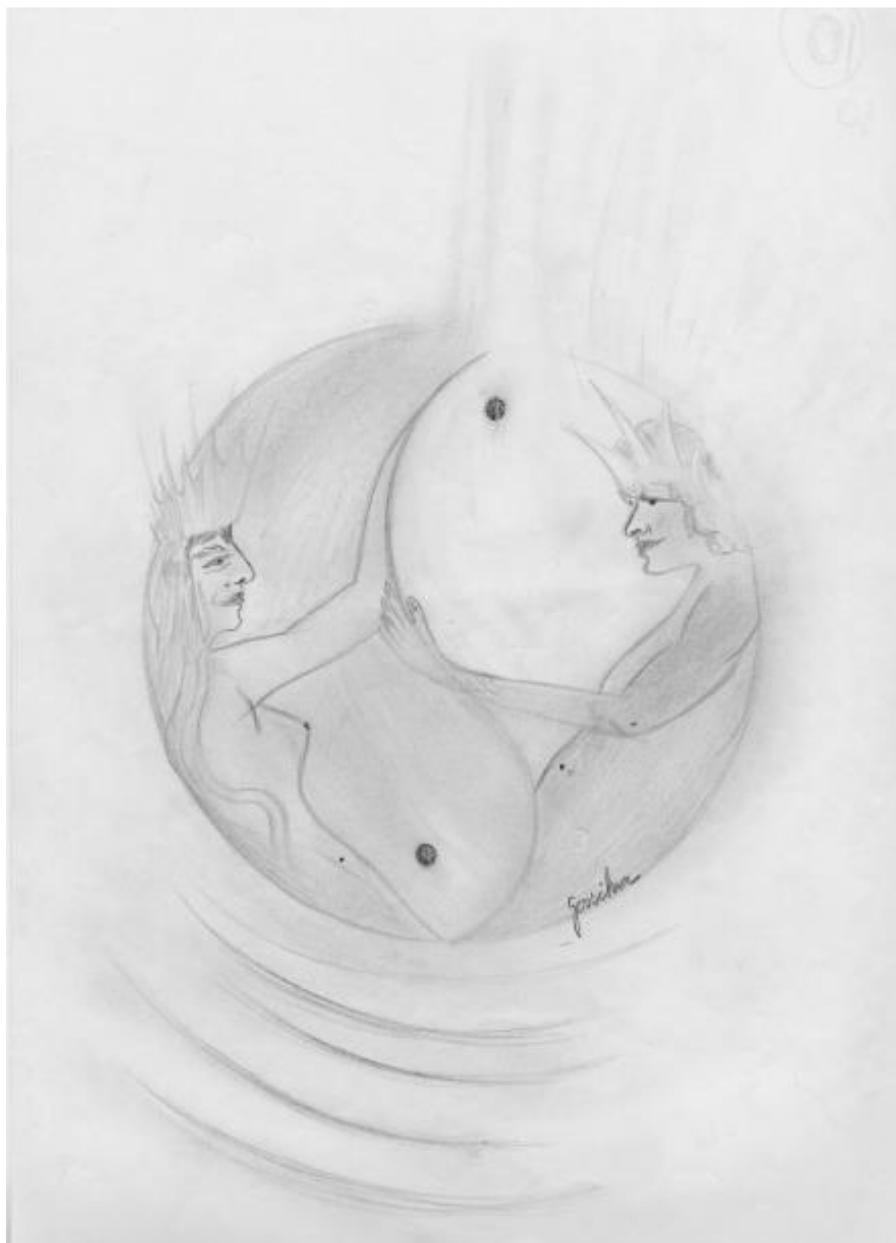
A idéia de outro desfrutando do mel de Lua, fez com que Sol fosse crescendo, crescendo e voltasse ao seu tamanho inicial.

– Não posso devorar-te. Tu, em tua essência, és um rei da dinastia dos belos e estirpe dos bravos, porém, em tua condição és apenas um leão. Talvez o mais belo de todos e abelhas não devoram leões. Vá e volte para Helenas, ela te espera e te esperará por Setenta vezes Sete vezes que tu te ausentares. Não te esqueças: seja senhor de ti mesmo, pra não te escravizares.

Sol pensou em Helenas, Ícaro e Dharma. Seu coração ficou apertadinho. Foi até o terraço e bramiu:

– Eu, rei Leão Sol I, marido da rainha Lua de Mel, abdicó do meu trono em favor do Duque de Arimatéia. As cornetas soaram, VIVA O SOL, LOUVADO SEJA O DIA EM QUE O REI LEÃO SOL NASCEU.

Sol beijou sua filha Novidade. Depois, curvando-se humildemente diante da rainha, agradeceu as graças recebidas; beijando os pés de Lua, que continuou firme e serena, só permitindo que uma lágrima rolasse quando Sol já havia partido.



Quando Sol atingiu o portal de saída do reino, foi comunicado por uma sentinela que lhe falou solenemente:

– A rainha ordena que leveis convosco todo o ouro que puderdes transportar para o vosso reino e que, se for preciso, uma comitiva vos auxiliará no transporte.

Sol passeia com os olhos por todo o reino e fixa o olhar por alguns instantes no grande e belo palácio dourado, e responde:

– Diz à rainha que não estou bem certo do quanto estou deixando, mas o que levo comigo é muito. Muito mais que todos os tesouros existentes neste reino.

# VIII

## O Regresso

Sol voltou para suas terras decidido a formar um reino único. No caminho encontrou Sativus e ficou chateado. Ele estava caído numa poça de lama.

Bem, é que, com a morte de Salinas, Sativus que havia parado de cheirar porcarias, começou a tomar um estranho líquido obtido de uma estranha fruta que o deixava embriagado. Da primeira vez que experimentou, se sentiu forte e valente, não que ele não fosse. As pessoas acharam por bem ficar longe dele. Da segunda, parecia um macaco e todos riram de Sativus. Agora, naquela lama estava parecendo um porco. E todos se afastaram.

Quando Sativus reconheceu o rei, tentou se levantar rapidamente, mas caiu de novo.

– Por que te embriagas? – perguntou-lhe Sol.

– Quero esquecer. - respondeu Sativus, com a voz meio pastosa.

– E, o que desejas tu esquecer?

– Não me lembro.

– Se te lembrasses, penso que não mais te embriagarias...

Sol estendeu-lhe as mãos e o levou nos ombros para a toca de Corinus.

Ao chegarem, encontraram Corinus que, de frente ao rei, corajosamente, se atirou ao chão.

– Perdão, majestade, perdão! Prova de coragem muito difícil...

– Levanta-te, súdito infiel. Desobedeceste minhas ordens. Me desafiastes, e terás de me enfrentar.

Sativus que já havia tomado banho, interveio:

– Majestade, vós sabeis que vos amo e vos respeito tanto quanto Ícaro, mas Corinus já está velho e cansado, coitado. Se vossa majestade duelar com Corinus, exercerei meu direito de primogênito de minha mãe Terra, defendendo a toca.

Sol e Sativus se encararam.

– Terias coragem de me enfrentar? -perguntou Sol.

– Rogo-vos compreensão majestade, o único motivo pelo qual duelaria com o pai de meu irmão Ícaro seria para defender a toca de minha mãe. Por outros quaisquer motivos, razões ou circunstâncias, sois meu rei. Portanto, dono de minha vida.

Terra interveio:

– Corinus, dê logo uma prova de coragem para Sativus e vamos acabar logo com isso.

Corinus abraçou Sativus, se cheiraram e choraram.

Sol virou as costas rapidamente, dirigindo-se para sua toca. Estava com muita pressa.

Na casa de Corinus agora estava sendo realizada uma festa. Corinus e Terra, além de Sativus tinham ainda mais quatro filhotes que não falei até agora porque estavam sempre na toca, e também porque não ficavam muito perto de Sativus porque ele também não era flor que se cheirasse, se bem que, como Sativus, eles também pintavam o sete.

Timba, Tomba e Tumba, eram o nome das três leoazinhas e também Tamba, um jovem leãozinho que já chamava atenção das leas africanas.

Todos os sete, agora de mãos dadas, entoavam uma conhecida canção de um bando de conhecidos pássaros rurais que dizia qualquer coisa como dar todo o mel a quem lhe convencesse.

Sativus estava feliz. Só faltava mesmo Dharma. Somente Dharma traria o cheiro do pai de volta para ele.

Helenas sentiu o cheiro de Sol de longe e ao encontro do marido correu.

Sol, correndo ao seu encontro, a abraçou, e a cheirou e ouviu:

– Eu sabia que voltarias!

– Como sabias?

– *Se não voltasses, era porque nunca me pertenceste.*

No caminho, Helenas ia colocando em dia as novidades. Ícaro, agora cismara em caçar penas de pássaros. Perseguia o passarinho e quando conseguia capturá-lo, como prêmio, pedia-lhe uma pena de suas asas. E com estas penas ele estava construindo um par de asas com as quais ele disse que voaria... - Sol preocupou-se.

– E Dharma?

– Dharma anda meio triste. É que depois que Salinas morreu, muita coisa mudou.

Sativus, antes tão alegre, todos os dias acompanhava Dharma nos passeios pelos bosques enquanto Salinas preparava o mel. Sativus era muito engraçado, contava-lhe histórias malucas de borboletas aquáticas e peixes voadores que ela não entendia nadica de nada, mas ria, e aí ele se dependurara de cabeça pra baixo num galho de árvore e declamava: *Por um sorriso teu\**, e ela ria. Sativus era bonito... Ela achava. Sua juba dourada, e seu corpo esguio lembravam Sol. Seriam da mesma linhagem? Mas ele era tão bobo...

– Às vezes dizia que amava sua mãe Terra, mas que também adorava sua mãe Lua... Que já tinha sido rato na China... Mas que boi ele nunca tinha sido, não. E ele falava sem palavras também!

À noite ela pensava, pensava e ria e torcia para a noite acabar p'ra ir passear no bosque e rever Sativus Tão amigos, mas nunca se cheiraram.

Bem que Sativus tentara.

– Nnnãããooo!

– Por quê?

– Salinas em tua toca prepara o teu mel.

– Agora que Salinas morrera, Sativus já nem voltava para sua toca, vivia caído, aqui, ali, arrumando confusões. Nem mesmo Ícaro conseguia levá-lo para caçar penas de pássaros, coisa que ele também tanto gostava.

– Acalma-te, Amanhã Dharma se alegrará. – disse Sol.

Trugow Sumiu. Com a morte de Salinas, ele que já não gostava de caçar, não mais saía de sua toca. Eva, talvez por não ter mais carne na salgadeira, começou a comer o sal e ingeriu nove quilos. Quando Trugow foi até a salgadeira para ver por que ela tanto demorava, deparou com ela estendida, com a boca espumando e urrando:

– Meel !!!!

Agora, com Eva morta e sem filhotes pra devorar, e como o rei Sol decretara a lei única proibindo, para o bem de todos os animais, a exploração do animal pelo animal; terminando assim as incessantes prova de coragem de Corinus. Trugow começou a devorar a própria calda, depois suas patas traseiras, depois as dianteiras, e foi sumindo, sumindo e sumiu.

Um filhote, Malignus, de uma família nova no pedaço, certo dia encontrou na toca de Trugow, um esqueleto de fortes dentes e garras. Vestiu a fantasia e saiu por ai brincando de leão sanguinário.

# IX

## O Reino de Sol



Sol era soberano de um reino sem monarca. Era um por milhares, e milhares por um, e para ser senhor bastava ser qualquer um.

Seus domínios se estendiam até onde seus olhos pudessem avistar, mas ele evitava fitar horizontes.

Agora, como Ícaro, ele gostava mesmo era de ficar contemplando os céus. E presenteava quem ele bem queria com estrelas, suas jóias reais. A de Helenas era a mais brilhante, a de Dharma a mais próxima, e a de Ícaro, a mais distante.

Dharma pedira uma estrela bem bonita, ao pai, para presentear Sativus, mas ele lhe dissera que estava sossegado, porque já possuía uma constelação.

– Sativus é tão mentiroso... pensou Dharma.

De vez em quando, Sol também gostava de reunir-se aos seus súditos para contar-lhes, se quisessem ouvir, histórias que ele aprendera no reino das abelhas.

Todos gostavam de ouvir as histórias de Sol, principalmente quando ele falava dos ensinamentos de um leão, de uma tribo distante, que veneravam como a um rei. Este leão já havia estado entre eles, mas há tanto tempo, que eles ainda nem havia nascidos e todos esperavam pela sua volta.

Muitos ficaram confusos quando, certa vez, em uma dessas reuniões, Sol disse que ele também havia se tornado súdito deste rei.

– O rei dos reis?!?- disse alguém com admiração.

– Se sua majestade se diz súdito, então devemos nós obediência a este outro rei? Outro alguém perguntou.

Sol, que enquanto falava, fazia com um graveto desenhos de *pegadas na areia*, levantou a cabeça e encarou, olhando profundamente nos olhos daquele que o indagava, e respondeu:

– Servir a este Senhor é um privilégio somente para quem desejar segui-lo, servindo aos seus irmãos.

– Majestade, como podemos servir a um rei que não podemos vê-lo ou tocá-lo?

– Asseguro-vos que ele está entre nós, e para sentirmos a sua presença, basta que se deseje ardentemente.

Dharma, neste dia, ficou encantada com as histórias de seu pai, e quis saber mais sobre o leão da tribo de Judá.

– Papai, eu sinto a presença de Judá sempre que desejo. Mas não é a presença de um rei que sinto. E sorrindo para Sol, diz:

– Estou acostumada com a presença de um rei lindo, que é o meu papai Sol. A presença de Judá é diferente da tua. Afinal, papai, quem é Judá?

Dharma encosta a cabeça no ombro de Sol que lhe acaricia os cabelos ternamente e lhe fala:

– Para muitos ele é um Deus, por ser filho único do grande leão. Satisfazem-se com esta idéia, por o acharem um Deus maravilhoso.

– Outros o vêem como a um profeta, e concordam em uma coisa: “Que sábio profeta”.

– E, para alguns ainda, ele é o irmão mais velho na grande família cósmica. Perfeito em seu amor ao pai e aos seus irmãos menores, filhos temporões do velho pai que incumbe ao mais sábio dos seus filhos a tarefa de auxiliar e amparar seus pequeninos nas travessias dos desertos. Nestas travessias, este irmão amoroso carrega em suas costas o fardo pesado de todos os irmãos menores, que não agüentariam com o peso. Deixando para os pequeninos, apenas a carga do excesso, geralmente pelos erros na escolha daquilo que se deve carregar na viagem. Mas mesmo com todo o peso do seu fardo, se algum dos irmãos se diz cansado e lhe pede ajuda, ele já deixou avisado: “Vinde a mim e eu vos aliviarei.”

Dharma estava quase adormecendo, com voz de sono, pergunta:

– E o que representa para o meu pai este Deus maravilhoso, sábio profeta, belo irmão ou um grande rei?

– Para mim ...

Sol pensou um instante e com um tímido sorriso, disse:

– Judá. E isso me basta.

E bastou também para Dharma, que beijou Sol e foi dormir.

# X

## Amanhecera



Amanhecera Sol estava radiante. Helenas finalmente lhe daria mais um filhote. Quando Sativus bateu à porta da toca convidando Dharma pra um passeio no bosque, ela lhe disse:

– Eu não posso. Preciso ajudar minha mãe na colheita de flores.

Sol interveio:

– Acompanha Sativus, querida. Eu irei com tua mãe para a caçada.

Era uma linda manhã ensolarada de primavera. Dharma e Sativus caminhavam alegremente por uma trilha que os conduziria ao lago azul, aonde iriam se banhar.

O bosque parecia estar em grande festa, pássaros das mais diversas cores e espécies, cada um, entoando uma bela canção, ou declamando em passarinhos *lindos poemas*, para alegrarem ainda mais Dharma e Sativus.

Borboletas multicoloridas em acrobacias preguiçosas voavam de um lado para o outro, acompanhando o casal. Pareciam querer dizer-lhes:

“Que bom que vocês vieram. O dia será mais colorido.”

Dharma compreendia as borboletas, e apenas sorria.

Sativus é que estava muito estranho Dharma notou. Parecia feliz, mas de uma alegria diferente. Mais distraído que de costume, meio calado, e muito pensativo.

Esquecera-se até mesmo de presentear-lá com flores, como sempre fazia. Dharma é que sentira a suave fragrância de uma pequena e delicada flor lilás. Colheu e delicadamente a levou aos lábios, e depois de aspirar seu perfume, suave e profundamente, a ofereceu a Sativos.

Sativos cheirou a flor com os olhos fechados, depois a devolveu para Dharma, prendendo-a em seus cabelos.

“A mais bela e de melhor perfume entre as flores, será sempre aquela que colheres, após tê-la escolhido”.

Dharma se lembrou desta frase, que sua mãe Helenas, lhe dissera, e resolveu indagar Sativus. “Em que ele tanto pensava”.

– No sonho que tive a noite passada. – Sativus respondeu com certa hesitação e continuou a caminhar em silêncio.

Dharma sentiu o ímpeto de perguntar-lhe sobre o sonho, mas achou melhor não.

“Podemos desejar compartilhar os sonhos alheios, mas não temos o direito de invadi-los. Sonhos só dizem respeito aos seus senhores, ou seus escravos. – pensou Dharma.

Quando chegaram às margens do imenso lago azul, peixinhos de diversas cores saltavam freneticamente como se quisessem sair da água.

Dharma ficou encantada, e riu graciosamente.

– Estes devem ser os tais peixinhos que dizes desejam ter asas para voar!

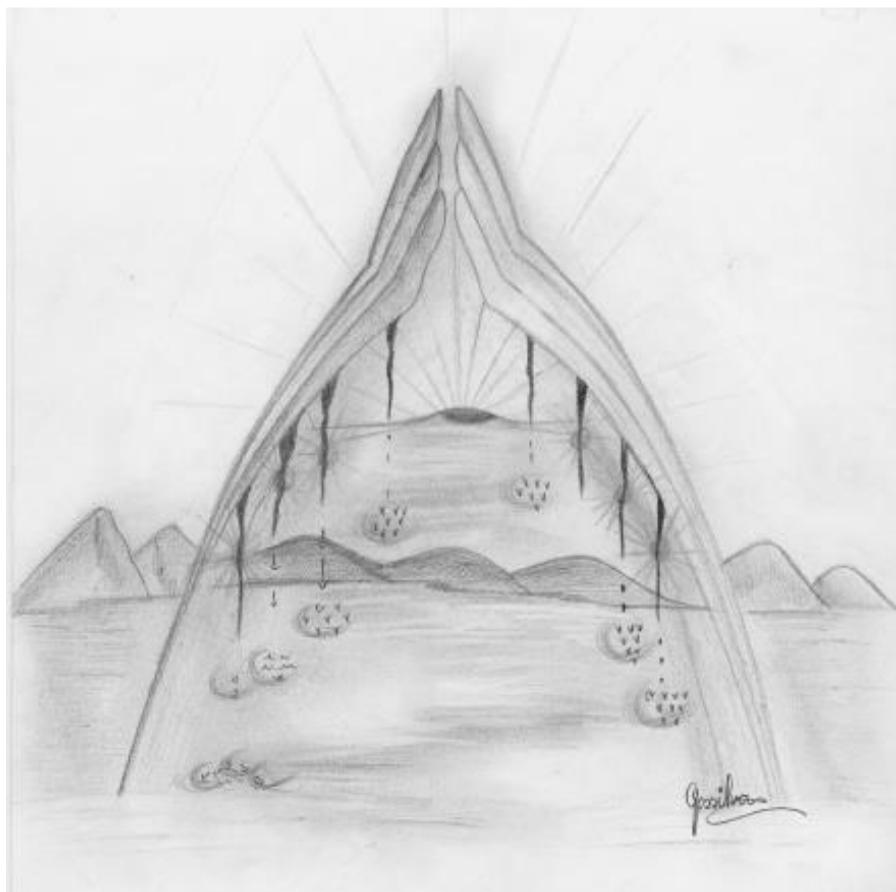
Sativus sorriu meio envergonhado das tolices que costumava contar a Dharma.

Dharma sentiu sede e desejou tomar um pouco de água, mas foi impedida por Sativus que lhe falou que “aquela água não era tão boa pra beber”, e a lembrou que perto dali se encontrava a melhor fonte de todos e quaisquer mananciais. Nascente da mais pura e cristalina das águas, que sacia a sede insaciável.

Seguiram pelo caminho das pedras até o pé da serra, onde havia uma entrada para uma caverna que descia em direção ao centro da montanha, uma luz vinha do final da gruta.

No início um tanto opaca, mas na medida em que desciam, seu brilho aumentava e a caverna se iluminava. No ponto onde estavam mais parecia um salão iluminado de uma catedral.

Por todas as paredes, escorria uma água que de tão clara, ao receber facho de luz, causava jogos de espelhos que refletiam as imagens de Dharma e Sativus em todas as dimensões, remetendo - os a um estado de tamanha apoteose, que ao som de uma orquestra imaginária, iniciaram um bailado.



Dharma girava graciosamente como um peão mágico ao encontro de Sativus, que a aparava em gestos coreográficos, depois girava em posição oposta, recebendo Dharma em seus braços. Em movimentos sincronizados, Dharma girando lentamente, se afastava, fazendo com que a terra parasse para Sativus.

Um camaleão, chegado de um labirinto, assistia a tudo, solene e compassivamente. Dançaram até o último acorde emitido pela orquestra, que os despertou.

Agora, mais sedentos ainda, caminharam mais alguns metros, onde um tanque, esculpido, por acaso pela natureza, lembrava uma pia no formato de uma concha.

Transbordava, desta pia, uma água borbulhante muito límpida, que brotava e escorria em abundância por entre as frestas de uma pedra encravada num barranco acima do tanque.

Água pura, cristalina, que ao contato com a luz cintilava, causando a impressão que pedrinhas de cristais eram jorradas.

As águas desta fonte possuíam muito mais elementos que os necessários para, simplesmente, ser água em estado líquido.

Sulfurosa, possuía também elementos trazidos do ar, muito mais que os encontrados em água mineral gaseificada, o que lhe conferia à leveza de tudo aquilo que não se submete a condições de estado ou formas.

Dharma e Sativus mergulharam as cabeças na água refrescante que transbordava da pia e com as cabeças submersas ficaram até que seus folegos se esvaíssem.

Sativus ajudou Dharma a subir na pedra, e na nascente beberam da água com o infinito desejo de não se fartarem.

Saciados, resolveram seguir o caminho de volta ao lago azul, onde estavam decididos a mergulhar, mesmo sabendo que suas águas eram profundas.

# XI

## De volta ao lago



De volta ao lago, cansados, se sentaram num barranco às margens, e por muito tempo, em silêncio ficaram contemplando a imensidão daquelas águas azuladas.

Sativus quebrou o silêncio, virando-se pra Dharma e dizendo-lhe:

– Na noite passada, tu estavas em meu sonho.

Dharma ficou interessada, e pediu a Sativus:

– Quero que me contes teu sonho.

– Sonhei que estava acordado, quando acordei me vi dormindo...

– Que sonho maluco, Sativus! – Dharma interrompeu, rindo.

– Este sonho que quero te contar, não é sonho, não. É sonho mesmo... – continuou Sativus.

– Então, eu saí da toca, pé ante pé, com muito cuidado para não fazer barulho e me despertar. Saí a tua procura, pois somente tu poderias mostrar-me o lugar onde estaria escondido o meu tesouro.

– Quem escondeu o teu tesouro? – perguntou Dharma.

– Meu pai, que é o rei de um reino infinitamente muito maior que o reino de Sol. Seus tesouros são infinitamente maiores e mais valiosos que todas as pedras e metais preciosos existentes em toda a Terra. Todos os seus súditos são também seus filhos. E cada um tem sua parte na herança.

Dharma sabia de sonhos, porque era sonhadora, por isto compreendia bem o sonho de Sativus e agora, como ele, ela também devaneava:

– Saberias me dizer, por que teu pai escondeu o teu tesouro? - perguntou Dharma.

– Não me lembro, se me lembrasse, tenho certeza que o encontraria...

Sativus parecia confuso, se levantou e estendeu a mão para que Dharma também se levantasse.

Fitou-a fixa e profundamente nos olhos, como se quisesse fazer refletir nos olhos de Dharma sua própria alma.

– Por esta razão eu te procurava em meu sonho, porque quando penso em ti me sinto próximo ao meu tesouro, neste momento, tocando em ti, sinto como se ele estivesse aqui dentro de mim ...

Sativus, agora, parecia perturbado, se ajoelhou e com uma mão no peito, empurrando com força, como se quisesse perfurá-lo, encravando as unhas, num tom quase de desespero, disse:

– Se eu pudesse arrancar isto que sinto aqui dentro. Se for o tesouro, colocá-lo em tuas mãos, para que seja teu. Assim ele estaria guardado e eu não mais o perderia.

Sativus buscou palavras para falar de seus sentimentos, mas como sempre, elas eram insuficientes. Dharma, com delicadeza, levou a mão na boca de Sativus para silenciá-lo.

– Tolo... O que guardas em teu coração independe de mim, é uma conquista unicamente tua. E agora que descobriste, independe também de ti.

É a chave de entrada para o reino que lhe pertence por direito de herança, onde estão guardados os teus tesouros. Eu também tenho o meu tesouro, te esqueceste que sou uma princesa?!?

Assim como o teu, é infinitamente maior que o universo, porque todo o universo esta nele contido. Um tesouro que não se teme perdê-lo, porque sabemos que nos pertence em definitivo, e nem tão pouco, se preocupa em poupá-lo, porque quando se doa, ele se renova aumentando.

– Herança do mesmo pai, que eu como filha, tenho o direito.

Sativus abriu um sorriso de felicidade.

– Um dia recusei este tesouro, por não me achar digno de possuí-lo...

– Assim como muitos outros filhos, tu o renunciaste por não te achares merecedor de tamanha fortuna, o que deixou o pai tão triste e desolado, porque ele sabe que quando o filho não se acha digno do pai, se esconde, ou se afasta, como tem sido desde o princípio.

– O pai amoroso, austero, contudo, justo e bondoso; fielmente deposita a herança deste filho e guarda a chave em um lugar onde só este filho poderá encontrar. Para isso, basta a simples lembrança do pai, para que o filho se dê conta da riqueza que lhe está reservada, com esperança que um dia volte ao menos para uma visita...

Sativus interrompe refletindo, e num tom que parecia estar falando consigo mesmo, completa:

– Adiamos indefinidamente o regresso, talvez para evitarmos os sentimentos de culpa que a volta nos traria.

Estas palavras ditas por Sativus fizeram com que Dharma se calasse por alguns instantes, afinal, ela também buscava sua compreensão.

Depois, rindo um sorriso, meio de malícia, meio de meiguice, falou:

– Claro! Mas ninguém é tão inocente assim...

Fez uma nova pausa, e agora com um semblante mais sério, continuou:

– Mas ao assumirmos nossos erros a mais, nos aperceberemos que não somos responsáveis sozinhos, e isto nos redimirá nos dando a dignidade necessária para trilharmos o caminho da volta.

Sativus, suplicamente implora:

– Dharma, pelo amor que sentes por teu pai, ajuda-me no caminho de volta pra casa de meu pai..

– O caminho de volta é longo, porém a distância é proporcional ao quanto nos afastamos.

Continuando Dharma em seu devaneio.

– A certeza de que todos os trombeteiros, corneteiros e tocadores estarão a postos pra tocarem conclamando e anunciando grande festa pela chegada no reino, de um filho, ou filha, muito querido, torna os estreitos caminhos de volta, mais suaves.

E o velho e incansável pai lá estará de braços abertos. É provável que até chore de alegria, ao abraçar o filhinho que um dia se afastou, seguindo por caminhos errantes, o que lhe causou tantas dores.

“Pobres filhinhos... crianças, travessas, não sabem o quanto o pai os compreende.”

Principalmente esses mais peraltas. Os mais queridos não por predileção, mas por precisarem mais de amor que os outros, que recebem na medida certa para terem em abundância. - rindo de sua suposição, Dharma concluiu:

– Ou talvez porque estes filhos mais levados fazem o velho pai se lembrar de sua infância longínqua.

– “Ah se estes moleques soubessem”...

Sativus evitava fitar os olhos marejados de Dharma, talvez porque os seus assim também estivessem, mas uma lágrima teimou em rolar.

Olharam para o céu, e como em uma oração, Sativus falou:

– Pai, te adoro, nunca te esqueci. Apenas não me lembrava do teu cheiro.

Rostos e bocas se encontraram, as lágrimas se misturaram os braços entrelaçados num abraço, que de tão apertado, aos corpos só restou o infinito desejo de tornarem-se um só.

## XII

# Anoitecera



Anoitecera, estrelas de primeira grandeza brilhavam no céu da África. A lua, em forma de um sorriso para Sol e Helenas que voltavam felizes da caça. Helenas hoje estava especialmente feliz, além do rebento que trazia na barriga. Hoje, ela conseguira encontrar uma flor raríssima que há muito procurava.

Sol não se continha em sua alegria, hoje corraera como há muito não corria. Subira até o topo de uma colina no meio da serra para buscar a flor que Helenas intuía que lá se encontrava. Sempre cercanda-a de cuidados e atenções mil, ainda a presenteara com a mais preciosa jóia de seu tesouro: uma linda estrela de diamantes.

De repente, um veículo safári cruza-lhes o caminho. Um rifle é apontado por um caçador sem razão na direção de Helenas. Sol que subira numa rocha, quando percebe que o gatilho seria disparado, joga-se na frente de Helenas, recebendo uma bala no lado esquerdo do peito.

Helenas, debruçada sobre o corpo de Sol, chorando se pergunta:

– Por quê? Por quê???



Estes pensamentos fizeram com que Helenas ficasse tão pequenina que os caçadores nem a enxergassem e fossem embora.

Quando Helenas abriu os olhos e olhou para o céu, avistou uma constelação do zodíaco em forma de um belo leão e murmurando falou:

– Nós, os leões, somos parte, porém parte única da grande colméia que nos contém, sem contudo exigir que devoremos, ou sejamos devorados, pela simples garantia de perpetuação.



Com a morte de Sol, Ícaro que já tinha pronto um par de asas, subiu numa colina e voou. Primeiro por baixo de um bando de andorinhas, depois ao lado de um bando de bem-te-vis e finalmente, por cima de um bando de gaivotas. E voou, voou, sumindo no horizonte, se confundindo com a luz do sol.

Sativus, que recebera Dharma como esposa, tornou-se o novo rei, coroado com o nome de Rei Leão Sol II, marido da rainha Dharma.

O reino das abelhas estava em festa. A princesa Novidade completara quinze luas. Era linda, lembrava Sol e Lua. O rei e a rainha estavam no jardim. Arimatéia, distraído observando o comportamento dos bichos carpinteiros e Lua selecionando néctares a serem utilizados no novo mel, o mel cósmico.

Quando, de repente, um gato salta em direção à Arimatéia. Lua, num relance, salta á frente do gato que lhe rasga o peito numa só unhada, fugindo em seguida.



Arimatéia debruçado sobre o corpo de Lua, encosta sua cabeça e chora. Lua, antes de dar o último suspiro, arranja forças pra dizer:

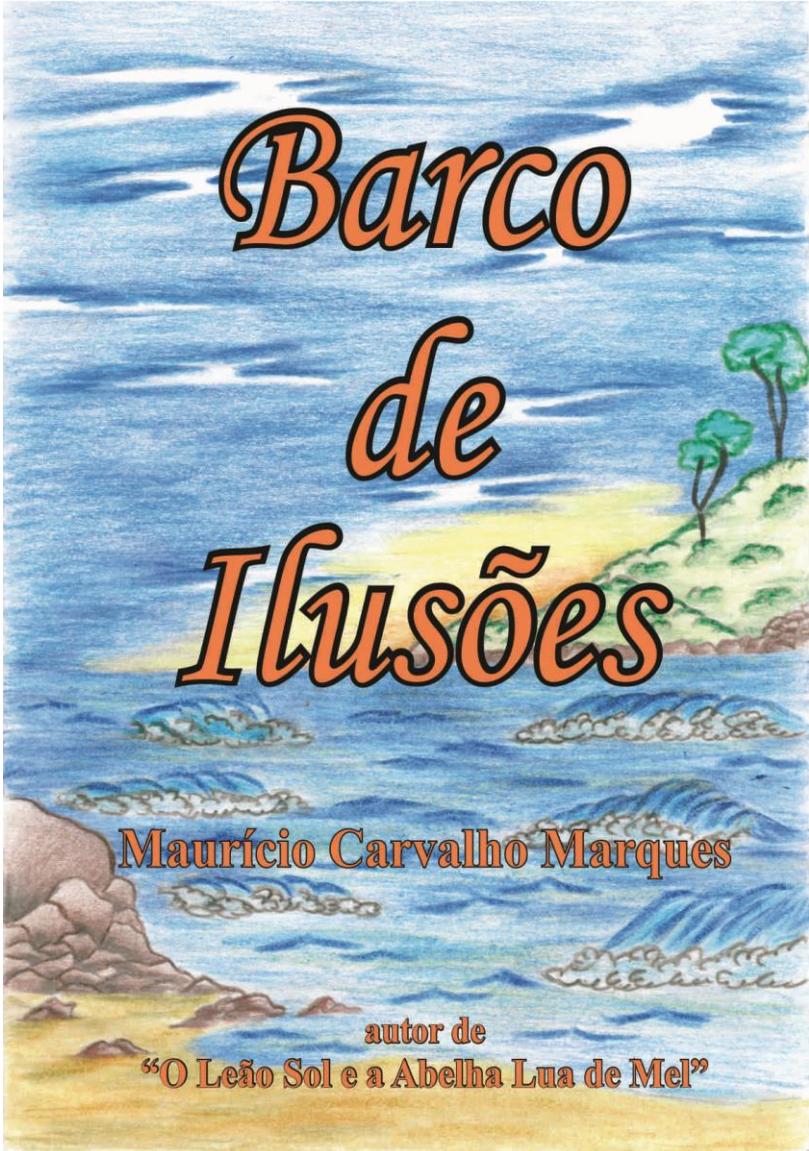
– Não te esqueças da promessa! Sepulta-me aqui no jardim e vá. Despose minha filha, a boa Novidade, e cumpra a promessa do mel cósmico.

Quando Arimatéia entra no palácio, encontra Novidade, ajoelha-se a seus pés, dizendo:

– Bendita és tu entre todas as abelhas e entre todas as leas e, bendito é o fruto do teu mel, Judá!

**FIM**

Conheça do Autor



Baixe gratuitamente!  
[www.poetamauriciomarques.com.br](http://www.poetamauriciomarques.com.br)